

Sumário

Prefácio	7
Introdução	11
Um (re)começo	22
São Gonçalo e suas representações: pensando sobre a cidade	35
São Gonçalo: nomes e estereótipos	36
O Alcântara e a “Pequena Índia”	46
O Centro da cidade e o Rodo de São Gonçalo: construindo e demarcando as diferenças	56
As ruas do Centro durante os grandes eventos da cidade	61
A Guarda Municipal de São Gonçalo: funções, atribuições e representações	65
Regulamento Interno	67
Autoridade e poder: estrutura hierárquica do Comando da Guarda Municipal	70
Ser ou estar guarda municipal? Pensando a maneira como os agentes se classificam	80
Entre o “bom” e o “mau setor”: “trânsito de bairro”, o “buraco” e a proximidade	91
Punições	99
Outras atribuições da Guarda Municipal de São Gonçalo: o papel e as identidades	104

Práticas e representações dos guardas municipais no trânsito de São Gonçalo	109
Como fazer o "trânsito fluir"?	
Entre o plano formal e informal	111
A formação de um saber prático	121
"Cada caso é um caso": instrumentos necessários para a construção de um saber	126
Proximidade e pessoalidade: construindo relações e identidades	133
Respeito e autoridade: a multa e a arma	147
Reciprocidade, "jeitinho" e "esquema"	157
Considerações finais	163
Referências	173
Agradecimentos	179

Prefácio

Há pouco mais de 70 anos, William Foote Whyte publicava *Street corner society: the social structure of an italian slum*, uma obra seminal que a história tornaria referência obrigatória para os estudos de sociologia e etnografia urbana. Como é de conhecimento geral, o livro resultou de uma pesquisa etnográfica realizada em Corneville, Eastern City (nomes fictícios por meio dos quais o autor referia-se, respectivamente, ao bairro de North End e à cidade de Boston), uma área habitada, sobretudo, por famílias de imigrantes pobres de origem italiana e considerada, pelo poder público e pelo entorno, em geral, como “degradada”, “problemática” e “socialmente desorganizada”. Dentre os inúmeros aspectos dignos de nota do trabalho, deve-se ressaltar que se trata, como aponta Gilberto Velho, na apresentação à edição brasileira, de um “exemplo magistral de como o trabalho de investigação científica pode ser um instrumento precioso para a crítica de estereótipos e preconceitos”.¹

Com o passar do tempo, a influência de *Street corner society*... esteve presente na produção de sucessivas gerações de pesquisadores, dos Estados Unidos e alhures, fazendo-se sentir, inclusive, no trabalho que ora tenho a inestimável satisfação de prefaciá-lo. Contemplado no processo de seleção de obras do Edital Eduff 2015 (Série Nova Biblioteca) e laureado com o Prêmio de Excelência UFF 2016, na categoria Melhor Dissertação de Mestrado da Área de Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências Sociais Aplicadas

¹ WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 9.

e Linguística, Letras e Artes, *“Quem dirige em São Gonçalo, dirige em qualquer lugar”*: uma etnografia das práticas e representações da Guarda Municipal, da antropóloga Talitha Mirian do Amaral Rocha, traz uma indelével contribuição para o entendimento dos processos de produção e difusão de visões estereotipadas sobre a cidade, sua gente e, mais particularmente, sobre o trânsito local, que é representado por agentes sociais diversos, tanto de dentro quanto de fora, como “caótico” e “desorganizado”.

Contando com uma imersão etnográfica de cerca de um ano, a pesquisa que serviu de base empírica para o trabalho que se segue teve como ponto de inflexão o contato da autora com uma máxima, largamente difundida, sobre o município de São Gonçalo, que o representa como um lugar desregrado, desordenado, enfim, como uma “terra sem lei”. Para acessar os significados contidos nessa máxima, ela debruçou-se sobre um conjunto de categorias nativas que costumam ser empregadas nos discursos de auto e heterorrepresentação da cidade, como: “Manchester Fluminense”, “cidade invadida”, “cidade-dormitório” e “cidade das praças”. Na melhor tradição herdada da Escola Sociológica Francesa, a jovem etnógrafa assumiu tais categorias como parte de um sistema classificatório, o que a colocou frente a frente com um esquema explicativo, ao mesmo tempo lógico e cronológico, segundo o qual os diferentes períodos da história do município (assim como os seus problemas!) seriam derivados das formas de apropriação que lhe são ou foram conferidas por públicos de origem e interesses diversos.

Nesse sentido, como dão a entender os relatos de interlocutores que participaram da pesquisa, longe de se tratar de questões meramente pontuais, as faltas de sinalização e asfaltamento das ruas devem ser interpretadas como manifestações inequívocas dos “problemas estruturais” vividos em São Gonçalo, o que faz do funcionamento do trânsito local uma espécie de expressão metonímica da própria cidade, de suas virtudes e, sobretudo, de seus reveses. Daí, a atenção dedicada pela autora às ações e discursos acionados pelos atores sociais que produzem e/ou sofrem os efeitos do tráfego viário em seu cotidiano, sejam eles pedestres, motoristas de carros de passeio, motoristas de transporte público

(ônibus, vans, táxis), passageiros etc. Dentre essas ações e discursos, foram enfocadas, mais detidamente, as representações e práticas adotadas pela Guarda Municipal no trabalho de regulação do trânsito, buscando-se, por essa via, não só compreender a forma como os seus agentes se comportam ante as múltiplas demandas que se lhes impõem no dia a dia, como identificar relações de proximidade e distância social, formas de sociabilidade e modos de apropriação do espaço público que, direta ou indiretamente, produzem efeitos sobre a sua atuação profissional, levando-os a constituírem um saber prático pautado pelo “bom senso”, que orienta e define o seu *modus operandi* (não raro, a despeito das normas estabelecidas).

Como parte de um esforço de contextualização macro e microsociológica, o trabalho recupera o debate envolvendo as atribuições institucionais das guardas municipais, em geral, e da Guarda Municipal de São Gonçalo, em particular. Destarte, assim como iniciativas propostas em âmbito nacional no sentido de promover a descentralização e, por corolário, a municipalização das políticas públicas de segurança, discute também questões que dizem respeito, de modo mais particular, à atuação da Guarda Municipal de São Gonçalo, como as representações dos agentes a respeito da instituição; os seus projetos socioprofissionais; as competências previstas no Regulamento Interno; a estrutura hierárquica que envolve a distribuição do efetivo; a(s) forma(s) de classificação dos agentes e seus locais de trabalho; as modalidades de punição adotadas etc. Para isso, foram conjugadas diferentes estratégias de pesquisa, por exemplo, observação direta nas vias de maior movimento da cidade (sobretudo, nos bairros do Centro e do Alcântara), entrevistas e conversas informais com membros da Guarda, pesquisas documentais e arquivísticas, dentre outras. O emprego de tais recursos metodológicos possibilitou à etnógrafa traçar um panorama geral da atuação da Guarda Municipal e do funcionamento do trânsito de São Gonçalo, o que, consequentemente, a levou a depreender por que, mesmo entre moradores do município, o tráfego viário local costuma ser descrito como “caótico” e “desorganizado”.

Com o que foi dito até aqui, espera-se haver conseguido sinalizar para o leitor, com a devida clareza, que o trabalho que tem em mãos é fruto de uma excelente pesquisa etnográfica. E, dadas a seriedade, a disciplina e a competência que caracterizam a autora, o resultado, decerto, não poderia ser diferente. Mesmo porque, para além de diversas outras qualidades, Talitha dispõe de um predicado absolutamente fundamental para quem é da área das Ciências Sociais, em especial para os que enveredam pelos caminhos da antropologia: ela tem perfeita consciência de que a matéria-prima do nosso ofício não são objetos, mas seres humanos múltiplos, diversos e legitimamente diferentes de nós! Se, como assevera o sociólogo Michel Misse, estereótipos são “os tipos ideais das pessoas desprovidas de cortes e sangramentos epistemológicos”,² para superá-los é preciso nos dispormos a, no mínimo, ouvir o que o “outro” tem a dizer. Por isso mesmo, na esteira da lição deixada por autores como Foote Whyte, “*Quem dirige em São Gonçalo, dirige em qualquer lugar*” pode ser encarado como um trabalho instrutivo, o que, salvo melhor juízo, torna a sua leitura recomendável para uns e necessária para outros.

Edilson Márcio Almeida da Silva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), pesquisador do
Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional
de Conflitos (INCT- InEAC) e do Núcleo Fluminense de Estudos e
Pesquisas (PPGA/UFF)

² MISSE, Michel. Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas. In: VILLAS-BOAS, Gláucia; GONÇALVES, Marco Antônio (Orgs.). O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 83.